



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Tiago José da Costa Pereira

**O Impacto da Discrepância de Desejo
Sexual na Satisfação Sexual e Relacional
Masculina**

Junho de 2017



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Tiago José da Costa Pereira

O Impacto da Discrepância de Desejo Sexual e Relacional Masculina

Dissertação de Mestrado

Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho realizado sob a orientação da

Doutora Maria Manuela Peixoto

Junho de 2017

DECLARAÇÃO

Nome: Tiago José da Costa Pereira

Endereço eletrónico: a68835@alunos.uminho.pt

Número do Bilhete de Identidade: 14608329

Título dissertação: O Impacto da Discrepância de Desejo Sexual na Satisfação Sexual e Relacional Masculina

Orientador: Doutora Maria Manuela Peixoto

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Psicologia

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 07/06/2017

Assinatura: _____

Índice

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Introdução.....	6
Método.....	11
Participantes.....	11
Procedimento.....	13
Medidas.....	13
Análise de dados.....	16
Resultados.....	16
Discussão.....	20
Referências.....	24

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Características sociodemográficas da amostra.....	12
Tabela 2 – Médias e desvio-padrão do desejo sexual, satisfação sexual e relacional em função da discrepância e orientação sexual.....	16
Tabela 3 – Desejo sexual em função da orientação sexual.....	17
Tabela 4 – Desejo sexual, satisfação sexual e relacional em função da discrepância, orientação sexual, e discrepância × orientação.....	18

Índice de Figuras

Figura 1 – Satisfação sexual em função da discrepância de desejo sexual e orientação sexual.....	19
Figura 2 – Satisfação relacional em função da discrepância de desejo sexual e orientação sexual.....	20

Agradecimentos

Gostaria de, nesta fase, agradecer a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

À Doutora Manuela Peixoto por toda a orientação, dedicação e partilha de conhecimento. Tenho a agradecer-lhe por todas as vezes que me guiou na realização deste trabalho e me ajudou a encontrar um caminho entre as várias deambulações que foram surgindo. Não posso deixar de lhe agradecer pela oportunidade de realizar um trabalho numa das minhas áreas de interesse, a Sexologia Clínica e permitir dar visibilidade ao mesmo.

A todos os participantes que, voluntariamente fizeram parte deste estudo, bem como a todas as instituições, pessoas e organismos que ajudaram na sua divulgação. Aqui gostaria de agradecer também às colegas Inês Pires e Adriana Correia, que contribuíram igualmente nessa divulgação, e que durante as reuniões de supervisão contribuíram com as suas críticas e sugestões.

A todos os amigos e colegas que me acompanharam ao longo deste percurso e durante a minha formação. Aqui destaco a Joana Gonçalves, a Verónica Gomes, a Mariana Afonso, a Inês Vale e a Margarida Pinho. Agradeço-vos toda a amizade e companheirismo ao longo dos últimos anos, e por todo o apoio nesta fase final! Sei que vos levo para a vida e que nos apoiaremos uns aos outros seja em que circunstância for!

À Marta Judite, que estando agora mais distante, não deixou de me ouvir, apoiar e aconselhar nesta reta final como nos bons velhos tempos!

A ti Rui, por acreditares e me apoiares durante a concretização de todo este trabalho, por toda a paciência e dedicação, mas acima de tudo por todo o carinho!

E por último, sem o qual nada disto seria possível, aos meus pais, por todo o amor incondicional e por todos os sacrifícios que fizeram e fazem para que eu possa seguir os meus sonhos. A eles, que acreditam e me apoiam em todos os momentos e decisões o meu muito obrigado!

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si,
levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry

O Impacto da Discrepância de Desejo Sexual na Satisfação Sexual e Relacional Masculina

O desejo sexual é descrito como um dos fatores que mais contribui para a satisfação sexual e relacional. Num casal os níveis de desejo podem estar mais, ou menos, sincronizados, ou pode acontecer uma situação de discrepância. A discrepância de desejo existente pode ser suficiente para potenciar um problema, nomeadamente ao nível da satisfação sexual e relacional. Este estudo teve como objetivo perceber se a discrepância de desejo num casal afeta a satisfação sexual e relacional do homem, e se existem diferenças ao nível da orientação sexual. Uma amostra constituída por 346 participantes (245 heterossexuais e 101 gays) completou um questionário online com questões sociodemográficas, uma questão sobre discrepância de desejo e pelos instrumentos Medida Global de Satisfação Sexual e Medida Global de Satisfação Relacional. Os resultados evidenciaram diferenças na satisfação sexual e relacional em função do grupo de discrepância, demonstrando que indivíduos que não experienciam discrepância estão mais satisfeitos do que indivíduos que a experienciam, e estes mais satisfeitos do que indivíduos que experienciam esta discrepância como problemática. Quanto à orientação sexual, não foram encontradas diferenças significativas. Estes resultados reforçam dados anteriores, ao suportar empiricamente o impacto que a discrepância de desejo apresenta sobre a satisfação sexual e relacional masculina.

Palavras-chave: Desejo sexual; Discrepância de Desejo Sexual; Satisfação Sexual; Satisfação Relacional

The Impact of Sexual Desire Discrepancy on Sexual and Relational Male Satisfaction

Sexual desire is described as one of the factors that contributes the most to sexual and relational satisfaction. In a couple, desire levels may be more, or less, synchronized, or a situation of discrepancy may occur. Desire discrepancy may be sufficient to promote a problem, for example, sexual and relational dissatisfaction. This study aimed to understand if a desire discrepancy in a couple affects the sexual and relational satisfaction in men, and if there are differences according to sexual orientation. A total of 346 participants (245 heterosexuals and 101 gays) completed an online survey and answered to sociodemographic questions, to a specific question about desire discrepancy, to the Global Measure of Sexual Satisfaction and to the Global Measure of Relationship Satisfaction. The results showed differences in sexual and relational satisfaction according to discrepancy groups, with no desire discrepancy group being more satisfied than problematic and non-problematic groups, as well as non-problematic group being more satisfied than problematic group. For sexual orientation, no significant differences were found. These results strengthen previous data, by supporting empirically the impact of desire discrepancy on sexual and relationship male satisfaction.

Keywords: Sexual desire; Sexual desire discrepancy; Sexual satisfaction; Relational satisfaction

O Impacto da Discrepância de Desejo Sexual na Satisfação Sexual e Relacional Masculina

O desejo sexual tem vindo a ser descrito na literatura como um dos fatores que mais contribui para a satisfação sexual e relacional dos casais, e a sua presença e intensidade parece estar intimamente dependente da qualidade de vida sexual e relacional destes (Ammar & Widmer, 2013; Bridges & Horne, 2007; Davies, Katz & Jackson, 1999; Levine, 1987; Mark, 2012; 2014).

Helen Kaplan (1974, 1979) foi das primeiras autoras a escrever sobre o desejo sexual, ao incluí-lo no seu modelo trifásico do ciclo de resposta sexual humana. Este modelo, que seria uma revisão ao modelo de Masters e Johnson (1966), incluía uma fase de desejo, enquanto componente motivacional do ciclo de resposta sexual, que antecedia a fase de excitação e de orgasmo. O desejo sexual seria definido como o experienciar de sensações específicas, que motivariam o indivíduo a comportar-se sexualmente, como consequência da ativação de um sistema neuronal específico (Kaplan, 1979). Perante essa ativação, o indivíduo sentir-se-ia sexualmente excitado, podendo experienciar excitação genital, e sentir-se-ia disponível para o sexo. Perante a inativação deste sistema, o indivíduo não se mostraria interessado em assuntos eróticos, levando a uma diminuição do desejo sexual.

Em 1980, Zilbergeld e Ellison conceptualizaram o desejo sexual como a frequência com que uma pessoa deseja ter relações sexuais, podendo essa frequência variar de intensidade. Para Leiblum e Rosen (1988) o desejo sexual seria uma disposição subjetiva por parte do indivíduo para se envolver, ou não, em comportamentos sexuais, sendo esta dependente de pistas internas (e.g. fantasias) e externas (e.g. jantar com um parceiro interessante). Levine (1987, 2002, 2003) definiu-o como uma energia psicobiológica que antecede e acompanha a excitação sexual, e que predispõe um indivíduo para o comportamento sexual. Segundo este autor, o desejo resulta da integração de um impulso sexual produzido por um sistema neuro endócrino dependente da testosterona, da vontade sexual gerada por processos cognitivos e da motivação sexual resultante da disposição do sujeito para se comportar sexualmente. O impulso sexual é considerado a resposta de excitação fisiológica endógena e espontânea que segue um padrão de frequência ao longo da vida, idiossincrático, e que tende a sofrer um declínio com a idade. A vontade sexual é influenciada pelas normas sociais e valores morais impostos desde a infância, e pode alterar-se ao longo da vida. Por fim, a motivação sexual resulta da interação entre processos

intrapróxicos (e.g. estados de humor) e interpessoais (e.g. estados relacionais), e contextos sociais (Levine, 1987, 2002, 2003).

Basson (2000, 2001, 2002) desenvolveu um modelo de resposta sexual circular feminino, que defendia a possibilidade de passagem de um estado de neutralidade sexual a um estado de procura de estímulos sexuais, em resposta ao parceiro, ou pela procura de intimidade. Essa busca pode envolver excitação fisiológica e subjetiva, e até mesmo a experiência de orgasmo (Basson, 2000, 2001, 2002). Mulheres sexualmente satisfeitas e sem qualquer problema sexual podem não apresentar desejo sexual espontâneo ou experienciá-lo somente em pensamentos ou sonhos eróticos, mas na presença de um parceiro e após estimulação sexual, podem desenvolver uma resposta de excitação e desejo sexual, que caracteriza o seu desejo como essencialmente responsivo (Basson, 2000, 2001, 2002). Štulhofer e colaboradores (2013) conduziram uma investigação sobre desejo sexual responsivo masculino e perceberam que homens com desejo sexual responsivo apresentavam maior interesse sexual, maior frequência de relações sexuais, menores dificuldades sexuais e maior satisfação sexual comparativamente a homens com desejo sexual clinicamente diminuído. Em relação aos homens com desejo espontâneo, não foram encontradas diferenças quer ao nível do funcionamento sexual, quer ao nível da satisfação sexual quando comparados com os homens que experienciavam desejo sexual responsivo (Štulhofer, Carvalheira & Træen, 2013).

O desejo sexual é influenciado por múltiplos fatores, desde a idade, o estado civil, a parentalidade e a escolaridade (Ammar & Widmer, 2013; Beutel et al., 2008; Carvalheira, Træen & Štulhofer, 2014; Levine, 2002; 2003; Peña et al., 2016; Quinta Gomes & Nobre, 2014). A presença de doença, estados emocionais como a tristeza, a diminuição da autoestima e o mal-estar psicológico (e.g. depressão, *stress*), parecem estar positivamente associadas ao decréscimo de desejo sexual (Brezsnyak & Whisman, 2004; Carvalheira et al., 2014; Murray & Milhausen, 2012; Peña et al., 2016), tal como a ausência de fantasias sexuais (Carvalho & Nobre, 2011), e questões relacionais (e.g. duração do relacionamento, parceiro pouco atraente e falta de comunicação; Carvalheira et al., 2014). Contrariamente, o bem-estar psicológico, a satisfação sexual e relacional, bem como uma boa atitude perante a sexualidade, está positivamente associada à experiência de desejo sexual (Brezsnyak & Whisman, 2004; Carvalheira et al., 2014; Murray & Milhausen, 2012; Peña et al., 2016).

Em termos de gênero, os homens parecem apresentar maior desejo desde a puberdade, maior frequência de fantasias sexuais, e maior vontade de se envolverem em comportamentos sexuais, comparativamente às mulheres (Beutel, Stöbel-Richter & Brähler, 2008; Holmberg & Blair, 2009; Leiblum & Rosen, 1988; Levine, 2002; Regan & Atkins, 2006; Santtila et al., 2008). Apesar de a literatura ser escassa ao nível da orientação sexual, esta tem evidenciado que indivíduos do sexo masculino em relações com parceiros do mesmo sexo parecem apresentar níveis mais elevados de desejo sexual do que indivíduos em relações com parceiros do sexo oposto (Holmberg & Blair, 2009).

O desejo sexual sofre flutuações ao longo do tempo, da mesma forma que a vida sexual de um casal apresenta oscilações (Ellison, 2002; Levine, 1987). O nível de desejo sexual do casal pode estar sincronizado, ou pode acontecer que um membro do casal experiencie maior desejo sexual do que o parceiro, havendo assim uma situação de discrepância (Ellison, 2002). Zilbergeld e Ellison (1980) descreveram, pela primeira vez na literatura, o conceito de discrepância de desejo sexual como uma diferença entre os níveis de desejo sexual entre duas pessoas, num relacionamento íntimo. Na maioria dos casos, nenhum dos parceiros tem um nível clinicamente elevado ou diminuído de desejo sexual, no entanto a discrepância de desejo existente é suficiente para causar conflitos sexuais ou conjugais (Leiblum & Rosen, 1988). Uma outra conceptualização de discrepância de desejo sexual foi proposta por Willoughby e Vitas (2011), e pode ser entendida como a diferença entre a frequência desejada de atividade sexual de um indivíduo e a sua atual frequência de atividade sexual.

Em 1999, Davies et al. conduziram um estudo com casais heterossexuais e constataram que os casais que reportavam experiências de discrepância de desejo sexual apresentavam uma menor satisfação com a sua vida sexual e relacional. No entanto, Mark (2012) constatou que mulheres que experienciavam discrepância de desejo sexual não se consideravam insatisfeitas quer sexual quer relacionalmente, sendo que para os homens a discrepância tinha impacto sobre a sua satisfação sexual e relacional. Mark e Murray (2012) estudaram igualmente diferenças de gênero em estudantes universitários que experienciavam discrepância de desejo sexual nas relações, e o seu impacto na satisfação sexual e relacional. A partir do seu estudo, concluíram que maior discrepância de desejo sexual estava associado a uma diminuição da satisfação sexual nas mulheres e uma diminuição da satisfação relacional nos homens (Mark & Murray, 2012). Enquanto dáde, tanto a satisfação sexual como a relacional foram afetadas pela maior discrepância de desejo (Mark & Murray, 2012). Um

estudo que acompanhou casais diariamente, mostrou que nos dias em que havia maior desejo sexual, a satisfação sexual após envolvimento sexual era maior do que nos dias em que se envolviam em atividade sexual sem desejo (Mark, 2014).

Num estudo que explorou a relação entre discrepância de desejo sexual e satisfação sexual em relacionamentos entre mulheres, a experiência de discrepância entre o casal foi explorada como sendo percebida como problemática ou não problemática (Bridges & Horne, 2007). Quando percebida como problemática, as mulheres apresentavam menor satisfação sexual comparativamente às mulheres que não percebiam esta experiência como problemática ou aquelas que não experienciavam discrepância de desejo sexual. Estes dados parecem sugerir que a discrepância de desejo sexual *per se* não constitui um fator de impacto sexual destes casais, mas sim o facto de esta ser percebida como um problema é que parece conduzir à diminuição da satisfação sexual.

Herbenick, Mullinax e Mark (2014) e mais tarde Sutherland, Rehman, Fallis e Goodnight (2015) encontraram dados que sugeriam que as flutuações de desejo sexual dentro do casal são comuns e não parecem afetar a satisfação sexual. Na sua maioria, os problemas de desejo são encarados com normalidade pelo casal, e as mulheres possuem múltiplas estratégias para lidar com situações de discrepância de desejo sexual, como esperar por novas oportunidades, envolver-se em comportamento sexual sem desejo, fazer pesquisas sobre sexo e recorrer a brinquedos sexuais (Herbenick et al., 2014; Sutherland et al., 2015). No entanto, dados relativos aos efeitos da discrepância sexual nos homens parecem ser ainda escassos na literatura.

Uma das definições de satisfação sexual surge do *Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction* (IEMSS), um modelo desenvolvido para explicar o papel da satisfação sexual em relações de longo-prazo e onde é definida como a avaliação subjetiva das dimensões positivas e negativas associadas ao relacionamento sexual (Lawrence & Byers, 1995). Essa avaliação está inteiramente dependente do nível de recompensas e custos que os indivíduos experimentam durante as relações sexuais, sendo as recompensas trocas gratificantes e prazerosas que o indivíduo experiencia, e os custos trocas associadas a dor, ansiedade e maior esforço mental e físico (Lawrence & Byers, 1995). Perante altos níveis de recompensas e baixos custos, a satisfação sexual estará aumentada em relações de longo-prazo (Lawrence & Byers, 1995). Quando aplicado a relações de curto-prazo, o modelo mostrou resultados semelhantes, com a satisfação sexual associada a maiores níveis de

satisfação relacional, maiores níveis de recompensas e menores custos percebidos (Byers, Demmons & Lawrence, 1998). Outra conceptualização foi proposta por Pascoal et al. (2014), que definiram satisfação sexual como a experiência emocional do prazer sexual mútuo, dependente não só do bem-estar sexual pessoal, mas também dos processos diádicos.

À semelhança da satisfação sexual, a satisfação relacional resulta de uma avaliação subjetiva por parte do indivíduo da qualidade da sua relação atual, tendo em conta aspetos positivos e negativos (Lawrence & Byers, 1995). No estudo de validação do IEMSS, Lawrence e Byers (1995) examinaram a relação entre satisfação sexual e relacional, e descobriram que, tal como em outros estudos subsequentes, a satisfação sexual influencia a satisfação relacional e vice-versa, sugerindo que estes podem ser entendidos como conceitos interdependentes (Byers, 2005; Byers et al., 1998; Lawrence & Byers, 1995; Renaud, Byers, & Pan, 1997; Sprecher, 2002). A qualidade da comunicação entre o casal e a frequência de relações sexuais são fatores que estão ligados à satisfação sexual, assumindo a frequência de relações sexuais maior importância para os homens (Barrientos & Páez, 2006; Haavio-Mannila & Kontula, 1997).

Um estudo longitudinal conduzido por Byers (2005), com indivíduos em relações de longa duração, constatou que quando os indivíduos apresentavam maior satisfação relacional, também apresentavam maior satisfação sexual, e que alterações na satisfação sexual tinham impacto na satisfação relacional. Uma investigação semelhante conduzida por Sprecher (2002), mas em relações de curta duração, chegou a conclusões idênticas, sendo que maior satisfação sexual se relaciona com maior satisfação relacional (Sprecher, 2002).

Em terapia sexual o foco é, na maioria das vezes, intervir junto do parceiro com baixo desejo sexual, e menor atenção é dada ao parceiro com desejo sexual mais elevado, isto porque uma maior propensão para ter relações sexuais é vista como normativa e saudável, mas um baixo desejo de se envolver sexualmente é visto como possivelmente patológico (Leiblum & Rosen, 1988; Zilbergeld & Ellison, 1980). Importa referir que segundo a *American Psychiatric Association* (APA, 2013) os problemas de desejo sexual, no caso do homem, se caracterizam por um défice ou ausência de pensamentos e/ou fantasias sexuais e desejo para a atividade sexual, de forma persistente ou recorrente (Perturbação do Desejo Sexual Masculino Hipoativo). Para que o diagnóstico seja atribuído, os sintomas devem estar presentes há pelo menos 6 meses e causar comprometimento significativo no indivíduo (APA, 2013).

Dado que as atitudes em relação à expressão sexual estão em constante mudança ao longo dos anos, não existe uma visão ou um padrão de desejo sexual normativo, e ter mais, ou menos, desejo sexual não é melhor que o contrário, o que é desejável é um equilíbrio satisfatório no casal (Leiblum & Rosen, 1988; Zilbergeld & Ellison, 1980). O estudo da discrepância de desejo sexual entre parceiros torna-se fundamental para a prática clínica, uma vez que permitirá o entendimento do desejo sexual dentro da relação de intimidade de cada casal, e a não patologização automática de todos os problemas de desejo sexual (Davies et al., 1999).

Uma vez que a literatura é inconsistente quanto ao impacto da discrepância de desejo sexual na satisfação sexual e relacional, e carece de investigação junto das minorias sexuais, o presente estudo pretende colmatar algumas dessas limitações. Assim sendo, este estudo teve por objetivos avaliar os níveis de desejo sexual em homens gays e heterossexuais, e perceber qual o impacto que diferentes níveis de discrepância de desejo sexual têm sobre a satisfação sexual e relacional masculina, e explorar diferenças ao nível da orientação sexual. Em relação ao desejo sexual é esperado que os homens reportem elevados níveis de desejo sexual e que haja diferenças ao nível da orientação sexual, com os homens gays a reportar maior desejo sexual, tal como encontrado por Holmberg e Blair (2009). Em relação aos efeitos da discrepância sexual, tal como encontrado por Bridges e Horne (2007), num estudo similar com mulheres, é esperado que os homens que experienciem discrepância de desejo sexual como problemática reportem menor satisfação sexual e relacional do que aqueles que experienciem tanto discrepância de desejo sexual não problemática, como os que não a experienciem de todo. Já entre os homens que reportarem existência de discrepância de desejo sexual não problemática ou inexistente não são esperadas diferenças ao nível da satisfação sexual e relacional, estando estes homens mais satisfeitos. Quanto à orientação sexual não são esperadas diferenças ao nível da experiência de discrepância de desejo sexual e seu impacto sobre a satisfação sexual e relacional.

Método

Participantes

A amostra inicial era composta por 551 participantes, dos quais foram excluídos 205 por não cumprirem os critérios de inclusão no estudo: (a) dois por serem menores de 18; (b) 47 por serem do sexo feminino; (c) três por se autoidentificarem como sendo do género feminino; (d) dois por se autoidentificarem como sendo do género “outro”; (e) um por se autoidentificar como assexual; (f) 11 por se autoidentificarem como bissexuais; (g) 14 por

haver incongruência entre a orientação sexual e o sexo do parceiro; (h) dois por incongruência entre o sexo e o género do parceiro. (i) 87 por não se encontrarem num relacionamento; (j) 28 por se encontrarem num relacionamento há menos de seis meses; e (k) nove por não serem de nacionalidade portuguesa. A amostra final integrou 346 participantes de nacionalidade portuguesa com uma média de idades de 29.21 anos ($DP = 9.41$), variando entre os 18 e os 79 anos. A duração do relacionamento variou entre os seis e os 463 meses, com uma duração média de relacionamento de 56.29 meses ($DP = 62.61$), sendo que 245 (70.80%) dos indivíduos se encontravam num relacionamento heterossexual e 101 (29.20%) num relacionamento gay (ver Tabela 1).

Tabela 1

Caraterísticas sociodemográficas da amostra

	Total (N = 346)	Heterossexual (n = 246)	Gay (n = 101)
	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Idade	29.21 (9.41)	28.92 (9.66)	29.92 (8.75)
Duração da Relação (em meses)	56.29 (62.61)	61.62 (69.06)	43.38 (40.60)
	%	%	%
Habilitações Literárias			
2º Ciclo	0.60	0.80	0.00
3º Ciclo	2.30	2.90	1.00
Ensino Secundário ou	26.60		
Profissional			
Licenciatura ou Bacharelato	40.50	39.20	43.60
Mestrado ou Mestrado Integrado	28.00	26.10	32.70
Doutoramento	2.00	0.80	5.00
Estado Civil			
Solteiro	71.10	67.80	79.20
Casado/União de Facto	25.10	27.80	18.80
Divorciado/Separado	3.20	3.70	2.00
Viúvo	0.60	0.80	0.00

Nota: M = Média; DP = Desvio-Padrão

Procedimento

O estudo foi submetido à Subcomissão de Ética para as Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho, obtendo parecer favorável, tendo igualmente sido solicitada a permissão para a utilização dos instrumentos aos autores da versão portuguesa.

A recolha de dados foi realizada entre outubro de 2016 e fevereiro de 2017 através da plataforma *Web Google Forms*, onde o questionário foi elaborado e previamente testado antes da sua divulgação. O questionário foi depois disseminado *online* através das redes sociais (e.g. Facebook) e junto de plataformas de organizações LGBT previamente contactadas via e-mail, onde lhes foi pedida colaboração e explicitado o propósito do estudo.

Após lerem as informações sobre o estudo, que eram apresentadas na primeira página do questionário, e darem consentimento informado, os participantes iniciavam o preenchimento do questionário com uma ordem pré-estabelecida, sendo apresentadas inicialmente questões sociodemográficas e a questão sobre a discrepância do desejo (Bridges & Horne, 2007), ao qual se seguia o *Sexual Desire Inventory-2* (SDI-2; Peixoto, Pereira, Pires, Correia & Gomes, 2016) para avaliação do desejo sexual, e por último eram apresentadas as escalas *Global Measure of Sexual Satisfaction* (GMSEX; Pascoal, Narciso, Pereira & Ferreira, 2013) e *Global Measure of Relationship Satisfaction* (GMREL; Pascoal, Oliveira & Raposo, 2015) que avaliam satisfação sexual e satisfação relacional, respetivamente.

O preenchimento foi feito individualmente, sem limite de tempo para responder, sendo necessários cerca de 10 minutos para a sua conclusão. A participação foi totalmente voluntária e anónima, não havendo registos de IP nem qualquer tipo de remuneração pela participação. Todas estas informações eram dadas ao participante antes de este iniciar o preenchimento no consentimento informado, onde também era indicado o contacto do investigador, caso surgisse alguma questão.

Medidas

O estudo incluiu um questionário sociodemográfico composto por questões sobre a idade, nacionalidade, sexo, identidade de género e orientação sexual do participante e do seu parceiro, escolaridade, estado civil e duração do relacionamento.

Discrepância de Desejo Sexual. A avaliação da discrepância de desejo sexual existente entre o casal foi feita a partir de uma questão de resposta múltipla formulada por Bridges e Horne (2007), numa investigação anterior sobre discrepância de desejo sexual em relações

entre mulheres. O conceito foi avaliado como problemático ou não problemático na percepção de um dos membros do casal. Os participantes depois de indicarem se se encontravam num relacionamento, indicaram de entre as seguintes opções, a que melhor se adequava à sua relação: (a) O meu parceiro deseja ter relações sexuais mais do que eu, e isso tem causado problemas no nosso relacionamento; (b) Eu desejo ter relações sexuais mais frequentemente do que o meu parceiro, e isso tem causado problemas no nosso relacionamento; (c) O meu parceiro deseja ter relações sexuais com mais frequência do que eu, mas isso não é um problema no nosso relacionamento; (d) Eu desejo ter relações sexuais mais frequentemente do que o meu parceiro, mas isso não é um problema no nosso relacionamento; e (e) Eu e o meu parceiro temos o mesmo grau de desejo para ter relações sexuais.

Sexual Desire Inventory-2 (SDI-2; Spector, Carey & Steinberg, 1996; Versão Portuguesa por Peixoto, Pereira, Pires, Correia & Gomes, 2016). Medida de avaliação do desejo sexual que se decompõe em duas dimensões: desejo sexual diádico e desejo sexual solitário. A SDI-2 é composta por 14 itens que avaliam o desejo sexual diádico (itens 1 a 9) (e.g. “Durante o último mês, com que frequência teve pensamentos sexuais que envolvessem um parceiro?”), e desejo sexual solitário (itens 10 a 13) (e.g. “Quão forte é o seu desejo de se envolver em comportamentos sexuais sozinho?”), sendo que o item 14 não pertence a nenhuma dimensão. Os itens são classificados pelos indivíduos segundo escalas de Likert de 7 pontos (itens 1, 2 e 10) e de 8 pontos (restantes itens). O desejo sexual diádico é entendido como o interesse que um indivíduo tem em se envolver em atividade sexual ou intimidade com um parceiro sexual. O desejo sexual solitário refere-se ao interesse que um indivíduo tem em se envolver sexualmente consigo mesmo. A pontuação é feita a partir do somatório dos itens das dimensões diádica geral (0-54), diádica pessoa atraente (0-16) e solitária (0-31), e o somatório dessas pontuações indica o nível de desejo sexual total do indivíduo (0-101), sendo que uma maior pontuação reflete um maior nível de desejo sexual. Investigações recentes encontraram evidência para uma estrutura fatorial de três dimensões, sendo que a subescala que avalia o desejo sexual diádico se poderá dividir em desejo sexual diádico em relação ao parceiro (itens 1, 2, 3, 6, 7, 8 e 9) e desejo sexual diádico em relação a uma pessoa atraente (itens 4 e 5) (Moyano, Vallejo-Medina & Sierra, 2017; Peixoto & Gomes, 2017). Na versão original o instrumento demonstrou ter boa consistência interna com um alfa de *Cronbach* de .86 para a dimensão diádica e .96 para a dimensão solitário. Os resultados da adaptação portuguesa indicam também boa consistência interna ($\alpha = .83$ para a dimensão diádica - parceiro $\alpha = .86$ para a dimensão diádica - pessoa atraente, e $\alpha = .88$ para a dimensão solitário).

Na amostra do estudo o instrumento revelou igualmente uma boa consistência interna (gay: $\alpha = .87$ para a dimensão diádica - parceiro $\alpha = .87$ para a dimensão diádica - pessoa atraente, e $\alpha = .90$ para a dimensão solitário; hétero: $\alpha = .86$ para a dimensão diádica - parceiro $\alpha = .90$ para a dimensão diádica - pessoa atraente, e $\alpha = .89$ para a dimensão solitário).

Global Measure of Sexual Satisfaction (GMSEX; Lawrance & Byers, 1995; Versão Portuguesa por Pascoal, Narciso, Pereira & Ferreira, 2013). Medida desenvolvida para avaliação da satisfação sexual, que permite que o indivíduo faça uma análise subjetiva da sua relação sexual atual com um parceiro. O GMSEX é constituído por cinco itens que classificam a relação segundo uma escala de *Likert* de 7 pontos (“Muito Boa” - 7 a 1 - “Muito Má”; “Muito Agradável” - 7 a 1 - “Muito Desagradável”; “Muito Positiva” - 7 a 1 - “Muito Negativa”; “Muito Satisfatória” - 7 a 1 - “Muito Insatisfatória”; “Muito Importante” - 7 a 1 - “Muito Irrelevante”). O somatório das classificações permite obter resultados entre 5 e 35 que indicam o nível de satisfação sexual, sendo que *scores* mais elevados indicam maior satisfação sexual. A versão original demonstrou ter boa consistência interna com um alfa de *Cronbach* de .90. Na versão portuguesa apresenta um alfa de *Cronbach* de .83 na amostra normativa, .91 na amostra clínica e .94 na amostra recolhida *online*. Na amostra do estudo o instrumento revelou igualmente uma elevada consistência interna (gay: $\alpha = .92$; hétero: $\alpha = .94$).

Global Measure of Relationship Satisfaction (GMREL; Lawrance & Byers, 1995; Versão Portuguesa por Pascoal, Oliveira & Raposo, 2015). Permite avaliar a satisfação relacional global através da análise subjetiva que um indivíduo faz da sua relação atual com um parceiro. O instrumento é composto por cinco itens que são avaliados numa escala de *Likert* de 7 pontos (“Muito Boa” - 7 a 1 - “Muito Má”; “Muito Agradável” - 7 a 1 - “Muito Desagradável”; “Muito Positiva” - 7 a 1 - “Muito Negativa”; “Muito Satisfatória” - 7 a 1 - “Muito Insatisfatória”; “Muito Importante” - 7 a 1 - “Muito Irrelevante”). O somatório das classificações permite obter resultados entre 5 e 35 que indicam o nível de satisfação relacional, sendo que *scores* mais elevados indicam maior satisfação com o relacionamento. Nos estudos da versão original, o instrumento apresentou boa consistência interna com um alfa de *Cronbach* de .90. Também na adaptação portuguesa do instrumento apresentou boa consistência interna com um alfa de *Cronbach* de .95 na amostra normativa, .95 na amostra clínica e .96 na amostra recolhida *online*. À semelhança dos estudos anteriores, na amostra do presente estudo o instrumento revelou uma elevada consistência interna (gay: $\alpha = .94$; hétero: $\alpha = .95$).

Análise de dados

A análise de dados foi feita com recurso ao Excel e IBM® SPSS®, uma vez que os dados foram exportados da plataforma *Web* para ambiente Excel e mais tarde para o IBM® SPSS® versão 24, onde foram posteriormente analisados.

Por forma a testar as hipóteses previamente definidas, foram realizados os seguintes testes estatísticos: Teste T para Amostras Independentes com o objetivo de testar as diferenças das médias ao nível do desejo sexual em função da orientação sexual, e uma Análise Multivariada da Variância (MANOVA) para testar a existência de diferenças entre os três grupos em estudo, ao nível da satisfação sexual e relacional, bem como os efeitos da orientação sexual.

Resultados

Na tabela 2 são apresentados as médias e os desvios-padrões das variáveis em estudo, em função dos diferentes grupos em análise.

Tabela 2

Médias e desvio-padrão do desejo sexual, satisfação sexual e relacional em função da discrepância e orientação sexual.

	Homens Heterossexuais			Homens Gays		
	Sem discrepância (n = 85) M (DP)	Discrepância não problemática (n = 107) M (DP)	Discrepância problemática (n = 53) M (DP)	Sem discrepância (n = 37) M (DP)	Discrepância não problemática (n = 44) M (DP)	Discrepância problemática (n = 20) M (DP)
SDI	54.95 (18.39)	54.18 (18.18)	55.68 (17.08)	66.16 (16.57)	67.98 (10.96)	62.40 (16.96)
Parceiro	36.14 (19.92)	34.65 (10.20)	35.47 (10.30)	39.30 (9.08)	39.30 (5.450)	34.20 (11.08)
Pessoa atraente	5.89 (4.34)	6.10 (4.04)	7.59 (4.18)	8.68 (4.144)	8.80 (3.88)	9.35 (4.18)
Solitário	12.92 (7.15)	13.42 (7.82)	12.62 (7.25)	18.19 (7.71)	19.89 (5.65)	18.85 (6.85)
GMSEX	32.34 (3.57)	29.32 (5.33)	25.04 (5.65)	31.03 (4.30)	29.30 (4.51)	24.60 (6.82)
GMREL	32.69 (3.62)	30.71 (5.04)	26.62 (5.69)	31.84 (4.01)	30.52 (4.11)	26.90 (6.21)

Nota: M – Média; DP – Desvio- Padrão;

SDI total, valores entre 0 e 101; SDI - dimensão diádica geral, valores entre 0 e 54; SDI – dimensão diádica pessoa atraente, valores entre 0 e 16; SDI - dimensão solitária, valores entre 0 e 31; GMSEX, valores entre 5 e 35; GMREL, valores entre 5 e 35

A utilização do Teste T para Amostras Independentes permite averiguar se as médias de cada subescala de desejo sexual (Parceiro, Pessoa atraente, Solitário) diferem ou não

significativamente em função da orientação sexual (gay vs. heterossexual). Uma vez que as variáveis em análise não seguiam uma distribuição normal, (*Kolmogorov-Smirnov*, $p < .001$; *Shapiro-Wilks*, $p < .001$), nem estava garantida a homogeneidade das variâncias para duas das variáveis (Parceiro: *Teste de Levene* ($F(1, 344) = 8.95$, $p = .003$; Solitário: *Teste de Levene* ($F(1, 344) = 4.43$, $p = .036$;) recorreu-se ao uso do teste não paramétrico *Mann-Whitney*. Uma vez que os resultados dos testes não paramétricos (Parceiro: $U = 10720.00$, $p = .052$; Pessoa atraente: $U = 8256.50$, $p < .001$; Solitário: $U = 6787.00$, $p < .001$) não diferiram dos obtidos através do Teste T para Amostras Independentes, procedeu-se à apresentação de todos os resultados tendo em conta a análise paramétrica, uma vez que estes dados são mais robustos (cf. Martins, 2011).

Os resultados do Teste T para Amostra Independentes revelaram diferenças significativas com base na orientação sexual para todas as subescalas do Inventário de Desejo Sexual (ver tabela 3), sendo que os homens gays reportaram níveis mais elevados de desejo sexual solitário, desejo sexual em relação ao parceiro e em relação a uma pessoa atraente, comparativamente aos homens heterossexuais (ver tabela 3).

Tabela 3

Desejo sexual em função da orientação sexual.

	Heterossexual (n = 245)	Gay (n = 101)	t (344)	d de Cohen
SDI	M (DP)	M (DP)		
Parceiro	35.35 (10.46)	38.29 (8.36)	- 2.51*	0.31
Pessoa atraente	6.35 (4.21)	8.86 (3.89)	- 5.16**	0.62
Solitário	13.07 (7.45)	19.06 (6.68)	- 7.00**	0.85

Nota: M – Média; DP – Desvio-Padrão

* $p < .05$ ** $p < .001$

A MANOVA é uma análise multivariada que permite a comparação entre grupos criados a partir de várias variáveis independentes (Field, 2009). No presente estudo foi realizada uma MANOVA 2 (orientação sexual: gay vs. heterossexual) \times 3 (grupos de discrepância de desejo sexual: sem discrepância, não problemática e problemática), ao nível de várias variáveis dependentes, neste caso ao nível da satisfação sexual medida através do

score obtido a partir do GMSEX, e da satisfação relacional medida através do *score* obtido no GMREL.

Uma vez que os pressupostos para a realização da MANOVA não estavam garantidos, o teste *Kolmogorov-Smirnov* para a análise da normalidade das variâncias e o teste *M Box* para a homogeneidade das variâncias-covariâncias foram ambos significativos, $p < .001$, recorreu-se ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*, para as variáveis satisfação sexual $\chi^2(2) = 73.73$, $p < .001$, e satisfação relacional $\chi^2(2) = 57.76$, $p < .001$. Dado que os resultados finais destas análises não paramétricas não diferiram dos obtidos através da MANOVA, procedeu-se à apresentação de todos os resultados tendo em conta a análise paramétrica, uma vez que estes dados são mais robustos (cf. Martins, 2011). Em todas as análises univariadas que se seguiram os níveis de significância foram ajustados com a fórmula de *Bonferroni*.

O teste multivariado mostrou que existem diferenças significativas ao nível da satisfação sexual e relacional em função do tipo de situação de discrepância vivenciado (sem discrepância, não problemática, problemática), *Wilks Lambda* = .82, $F(4, 678) = 7.74$, $p < .001$, $\eta^2 = .094$. Relativamente à orientação sexual (gay vs. heterossexual), *Wilks Lambda* = 1.00, $F(2, 339) = .58$, $p = .562$, $\eta^2 = .003$, e à interação entre os fatores, *Wilks Lambda* = 1.00, $F(4, 678) = .41$, $p = .804$, $\eta^2 = .002$, os dados do teste multivariado não foram estatisticamente significativos.

Tabela 4

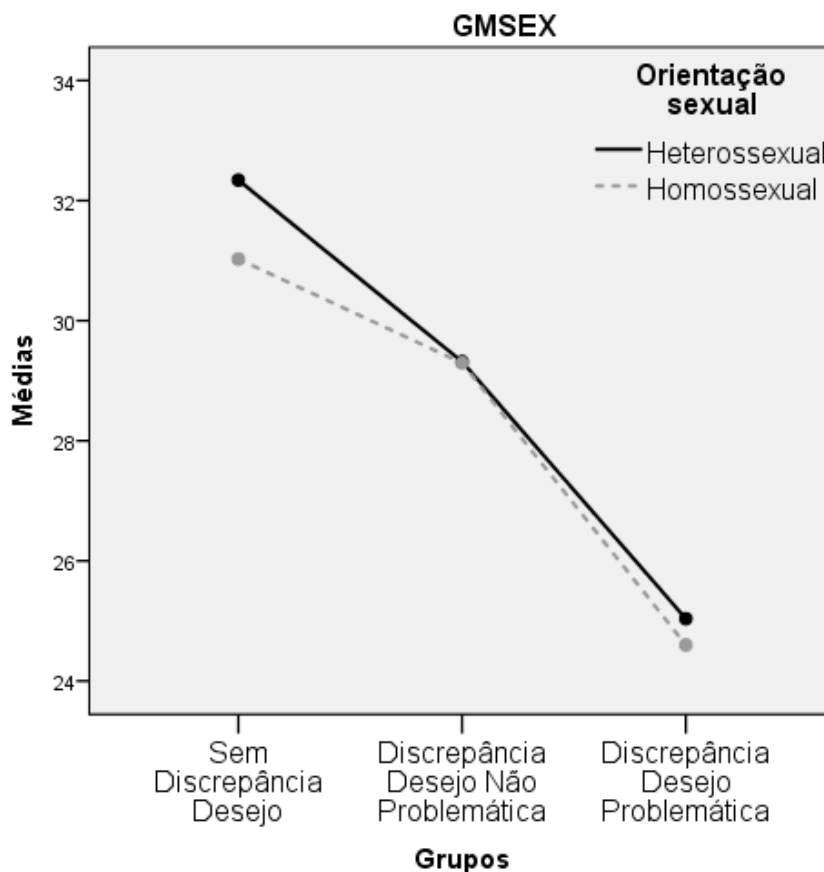
Desejo sexual, satisfação sexual e relacional em função da discrepância, orientação sexual, e discrepância × orientação.

	Discrepância			Orientação			Discrepância × Orientação		
	F (2,340)	<i>p</i>	η^2	F (1,340)	<i>p</i>	η^2	F (2,340)	<i>P</i>	η^2
GMSEX	36.47	<.001	.177	.94	.333	.003	.50	.609	.003
GMREL	25.67	<.001	.131	.19	.663	.001	.30	.743	.002

Observada a significância multivariada para as variáveis em estudo, os resultados dos testes univariados (ver tabela 4), mostraram que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível da satisfação sexual, $F(2, 340) = 36.47$, $p < .001$, $\eta^2 = .177$ e da satisfação relacional, $F(2, 340) = 25.67$, $p < .001$, $\eta^2 = .131$ em função do nível da discrepância. Seguiu-se o teste *post-hoc* de Tukey, para avaliar as diferenças na satisfação sexual e relacional entre os

três grupos definidos pelo nível da discrepância sexual experienciada. O teste *post-hoc* de Tukey revelou diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos (valor de *p* a variar entre .006 e <.001). Em relação à satisfação sexual, os homens que não experienciam discrepância mostraram-se mais satisfeitos sexualmente ($M = 31.94$, $DP = 3.83$) em comparação com os homens que reportaram experienciar discrepância não problemática ($M = 29.31$, $DP = 5.09$; $p < .001$) e com os homens que reportaram experienciar discrepância problemática ($M = 24.92$, $DP = 5.95$; $p < .001$). Por sua vez, também os homens que reportaram discrepância não problemática apresentavam níveis mais elevados de satisfação sexual ($M = 29.31$, $DP = 5.09$) comparativamente aos homens que reportaram discrepância problemática ($M = 24.92$, $DP = 5.95$; $p < .001$) (ver Figura 1).

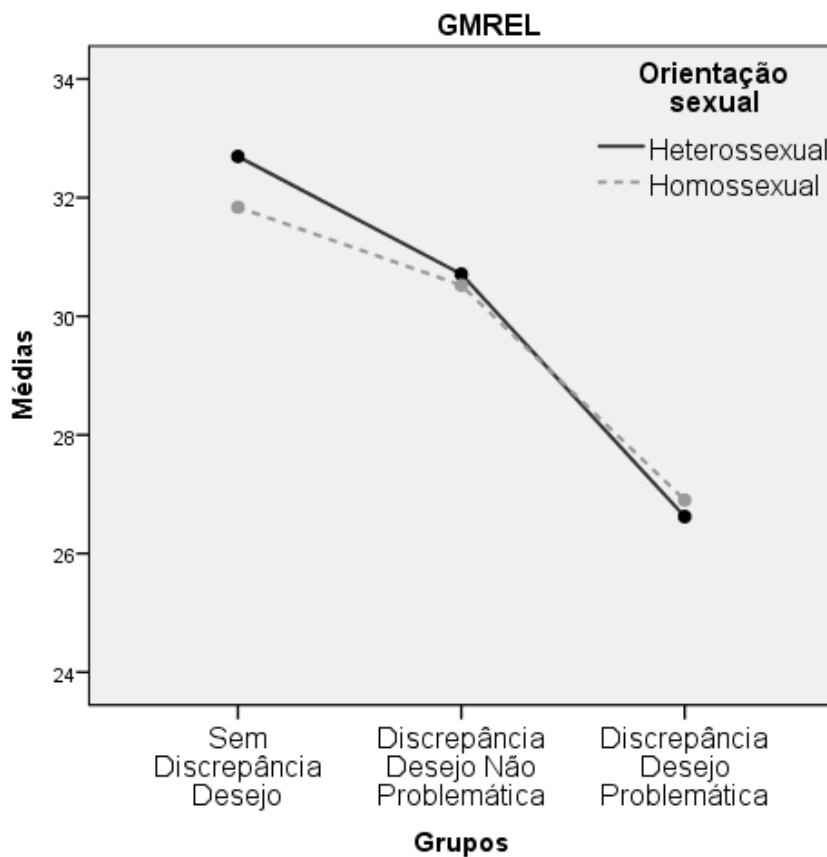
Figura 1. Satisfação sexual em função da discrepância de desejo sexual e orientação sexual



Em relação à satisfação relacional, os homens do grupo que não experienciam discrepância mostraram-se mais satisfeitos relacionalmente ($M = 32.43$, $DP = 3.74$) por comparação com os homens do grupo que experienciam discrepância não problemática ($M = 30.66$, $DP = 4.77$; $p = .006$) e com os homens do grupo que experienciam discrepância

problemática ($M = 26.70$, $DP = 5.79$; $p < .001$). Por sua vez, os homens do grupo que experienciam discrepância não problemática apresentavam níveis mais elevados de satisfação relacional ($M = 30.66$, $DP = 4.77$) em comparação com os homens do grupo que experienciam discrepância problemática ($M = 26.70$, $DP = 5.79$; $p < .001$; ver Figura 2).

Figure 2. Satisfação relacional em função da discrepância de desejo sexual e orientação sexual.



Discussão

O presente estudo teve por objetivos avaliar os níveis de desejo sexual em homens gays e heterossexuais, e perceber qual o impacto que diferentes níveis de discrepância de desejo sexual têm sobre a satisfação sexual e relacional masculina, explorando diferenças ao nível da orientação sexual.

Em relação ao desejo sexual era esperado que os homens reportassem elevados níveis de desejo sexual, com os homens gays a reportar maior desejo sexual. Os resultados mostram que os homens que constituíram a amostra apresentaram elevados níveis de desejo sexual e

que foram encontradas diferenças entre orientações sexuais, sendo que os homens gays apresentaram níveis significativamente mais elevados de desejo sexual. Este resultado, já previamente encontrado por Holmberg e Blair (2009) no seu estudo, onde homens em relações com outros homens reportaram maior desejo sexual solitário e para com uma pessoa atraente, sugere que os homens gays parecem estar mais motivados para se comportar sexualmente quer com um parceiro, quer sozinhos.

O outro objetivo da presente investigação foi perceber se a satisfação sexual e relacional masculina são afetadas pela discrepância de desejo sexual, e perceber se existem diferenças em função dos diferentes níveis de discrepância de desejo sexual (sem discrepância, discrepância não problemática e discrepância problemática), e entre orientações sexuais. Os principais resultados deste estudo confirmaram que a satisfação sexual e relacional nos homens é afetada pela presença de discrepância de desejo sexual entre o casal, relatada por um dos membros. Mais especificamente, os homens com discrepância de desejo sexual não problemática e discrepância de desejo sexual problemática reportaram níveis de satisfação sexual e relacional significativamente mais baixos do que os homens sem discrepância de desejo sexual e, por sua vez, os homens com discrepância de desejo sexual problemática reportaram igualmente níveis de satisfação significativamente mais baixos. Estes resultados mostram que, de facto, a discrepância de desejo sexual afeta a satisfação, quer sexual, quer relacional de um casal, e que quando é encarada como um problema parece ter um maior impacto sobre a satisfação. Os resultados da presente investigação vão, parcialmente, ao encontro do que Bridges e Horne (2007) concluíram no seu estudo, com uma amostra de mulheres lésbicas. No entanto, houve uma diferença, pois além da satisfação sexual e relacional serem afetadas pela discrepância quando esta era encarada como um problema para um dos membros do casal, esta também as afetou significativamente quando considerada não problemática. Ainda assim, estes resultados são consistentes com estudos anteriormente conduzidos com casais heterossexuais, onde a simples presença de discrepância de desejo sexual afetou a satisfação (Davies et al., 1999; Mark, 2012; Mark & Murray, 2012).

Estudos prévios sugerem que a discrepância e as flutuações de desejo sexual são comuns (Herbenick et al., 2014; Sutherland et al., 2015), o que parece corroborar os dados encontrados no presente estudo, sendo que mais de 40% da amostra (n=151) reportou a existência de discrepância de desejo sexual não problemática nas suas relações. No entanto, contrariamente ao que esses autores descobriram, estas flutuações podem afetar, de alguma forma, a satisfação dos membros do casal, uma vez que os homens, no presente estudo,

reportaram níveis de satisfação sexual e relacional significativamente mais baixos comparativamente aos homens que não reportaram qualquer discrepância ou flutuação no nível de desejo no casal. Sendo este um dos primeiros estudos a avaliar diferenças ao nível da orientação sexual em homens, os resultados permitiram averiguar a existência de diferenças entre homens gays e heterossexuais. De acordo com os dados recolhidos e analisados, não foram encontradas diferenças significativas, sendo que a discrepância de desejo sexual parece afetar de igual forma homens gays e heterossexuais. Tendo em conta os resultados, poderá ser importante, em terapia sexual e de casal, avaliar junto de cada díade e de cada membro, o nível de desejo sexual de cada parceiro e a possível discrepância existente entre ambos, e de que forma isso é encarado por cada um dos membros, se percecionado como normativo ou se é de alguma forma problemático para o bem-estar e satisfação do indivíduo e do casal.

De uma forma global, os homens da nossa amostra apresentaram elevada satisfação sexual e relacional, dados que vão ao encontro dos estudos de Byers (2005) e Sprecher (2002), que indicam que uma maior satisfação sexual está associada a uma maior satisfação relacional, quer para relações de longo e curto-prazo, respetivamente.

Apesar dos resultados precursores, existem algumas limitações no presente estudo que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A amostra foi recrutada com recurso a um questionário online, assim, apenas indivíduos com acesso à internet puderam responder ao mesmo, sendo na sua maioria indivíduos jovens e com uma elevada escolaridade. Uma outra limitação do estudo, e que se deve aos critérios de inclusão do mesmo, foi o facto de se terem considerado apenas indivíduos gays e heterossexuais, excluindo-se por exemplo os bissexuais. O facto de só ter sido analisada a perspetiva de um parceiro e não a díade é também uma limitação, uma vez que não foi analisada a perspetiva de ambos os parceiros em relação à sua vida sexual e relacional.

Apesar das limitações apresentadas, globalmente, os homens do presente estudo evidenciam satisfação sexual e relacional. Relativamente à discrepância de desejo sexual, independentemente da orientação sexual, os dados da presente investigação sugerem que esta, quer seja considerada problemática, ou não problemática, afeta negativamente a satisfação sexual e relacional masculina. A presente investigação vem acrescentar novos dados ao conhecimento prévio, ao estudar a discrepância de desejo sexual exclusivamente em homens, e considerando a orientação sexual como dimensão relevante. No entanto, mais estudos são necessários para a compreensão do fenómeno, nomeadamente a exploração da forma como os

homens identificam e lidam com este problema nas suas relações, quais são as suas estratégias para lidar com as flutuações de desejo sexual e de que forma os terapeutas podem ajustar as suas práticas clínicas e programas terapêuticos para intervir com estes casais. O entendimento sobre o fenómeno permitirá que psicólogos, terapeutas sexuais e de casal sejam mais meticolosos nas suas avaliações e diagnósticos, interpretando e avaliando cada casal, e cada membro, de acordo com a sua dinâmica, evitando diagnósticos precipitados de Perturbação de Desejo Sexual Hipoativo, por exemplo. Os profissionais de saúde poderão assim focar-se nos níveis de desejo e satisfação de cada membro do casal, independentemente do parceiro que tem baixo, ou elevado, desejo sexual e perceber que fatores podem afetar o desejo e seu (des)equilíbrio.

Referências

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5th ed.). Washington, DC: American Psychiatric Association.
- Ammar, N., & Widmer, E. D. (2013). Sexual desire and the style of conjugal interactions. *Sexologies*, 22, 81-87. doi:10.1016/j.sexol.2013.05.001
- Barrientos, J. E., & Páez, D. (2006). Psychosocial variables of sexual satisfaction in Chile. *Journal of sex & marital therapy*, 32, 351-368. doi: 10.1080/00926230600834695
- Basson, R. (2000). The Female Sexual Response: A Different Model. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26, 51–65. doi:10.1080/009262300278641
- Basson, R. (2001). Human sex-response cycles. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 33-43. doi:10.1080/00926230152035831
- Basson, R. (2002). A model of women's sexual arousal. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28, 1-10. doi:10.1080/009262302317250963
- Beutel, M. E., Stöbel-Richter, Y., & Brähler, E. (2008). Sexual desire and sexual activity of men and women across their lifespans: results from a representative German community survey. *BJU international*, 101, 76-82.
- Bridges, S. K., & Horne, S. G. (2007). Sexual satisfaction and desire discrepancy in same sex women's relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33, 41–53. doi:10.1080/00926230600998466
- Brezsnyak, M., & Whisman, M. A. (2004). Sexual desire and relationship functioning: The effects of marital satisfaction and power. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 30, 199-217. doi:10.1111/j.1464-410X.2007.07204.x
- Byers, E. S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *Journal of sex research*, 42, 113-118. doi: 10.1080/00224490509552264
- Byers, E. S., Demmons, S., & Lawrance, K. A. (1998). Sexual satisfaction within dating relationships: A test of the interpersonal exchange model of sexual

- satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, *15*, 257-267.
doi:10.1177/0265407598152008
- Carvalho, A., Træen, B., & Štulhofer, A. (2014). Correlates of Men's Sexual Interest: A Cross-Cultural Study. *The journal of sexual medicine*, *11*, 154-164. doi: 10.1111/jsm.12345
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2011). Predictors of men's sexual desire: The role of psychological, cognitive-emotional, relational, and medical factors. *Journal of Sex Research*, *48*, 254-262. doi:10.1080/00224491003605475
- Davies, S., Katz, J., & Jackson, J. L. (1999). Sexual desire discrepancies: effects on sexual and relationship satisfaction in heterosexual dating couples. *Archives of Sexual Behavior*, *28*, 553–567. doi:10.1023/A:1018721417683
- Ellison, C. R. (2002). A research inquiry into some American women's sexual concerns and problems. *Women & Therapy*, *24*, 147-159. doi:10.1300/J015v24n01_17
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS*. Sage publications.
- Haavio-Mannila, E., & Kontula, O. (1997). Correlates of increased sexual satisfaction. *Archives of sexual behavior*, *26*, 399-419. doi: 10.1023/A:1024591318836
- Herbenick, D., Mullinax, M., & Mark, K. (2014). Sexual Desire Discrepancy as a Feature, Not a Bug, of Long-Term Relationships: Women's Self-Reported Strategies for Modulating Sexual Desire. *Journal of Sexual Medicine*, *11*, 2196–2206. doi:10.1111/jsm.12625
- Holmberg, D., & Blair, K. L. (2009). Sexual desire, communication, satisfaction, and preferences of men and women in same-sex versus mixed-sex relationships. *Journal of Sex Research*, *46*, 57-66. doi:10.1080/00224490802645294
- Kaplan, H. S. (1978). *La Nueva Terapia Sexual*, vol. 1. Madrid: Medicina y Salud. Alianza Editorial.
- Kaplan, H. S. (1979). *Disorders of sexual desire*, New York, Brunner/Mazel

- Lawrance, K. A., & Byers, E. S. (1995). Sexual satisfaction in long-term heterosexual relationships: The Interpersonal Exchange Model of Sexual Satisfaction. *Personal Relationships*, 2, 267–285. doi:10.1111/j.1475-6811.1995.tb00092.x
- Leiblum, S. R., & Rosen, R. C. (1988). Introduction: Changing Perspectives on Sexual Desire. Em S. R. Leiblum, & R. C. Rosen, *Sexual Desire Disorders* (pp. 1-14). New York: Guilford Press.
- Levine, S. B. (1987). More on the nature of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 13, 35-44. doi:10.1080/00926238708403877
- Levine, S. B. (2002). Reexploring the concept of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28, 39-51. doi:10.1080/009262302317251007
- Levine, S. B. (2003). The nature of sexual desire: A clinician's perspective. *Archives of sexual behavior*, 32, 279-285. doi:10.1023/A:1023421819465
- Mark, K. (2012). The relative impact of individual sexual desire and couple desire discrepancy on satisfaction in heterosexual couples. *Sexual and Relationship Therapy*, 27, 133–146. doi:10.1080/14681994.2012.678825
- Mark, K. P. (2014). The impact of daily sexual desire and daily sexual desire discrepancy on the quality of the sexual experience in couples. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 23, 27-33. doi:10.3138/cjhs.23.1.A2
- Mark, K. P., & Murray, S. H. (2012). Gender Differences in Desire Discrepancy as a Predictor of Sexual and Relationship Satisfaction in a College Sample of Heterosexual Romantic Relationships. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 38, 198–215. doi:10.1080/0092623X.2011.606877
- Martins, C. (2011). Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Moyano, N., Vallejo-Medina, P., & Sierra, J. C. (2017). Sexual Desire Inventory: Two or Three Dimensions? *The Journal of Sex Research*, 54, 105-116. doi:10.1080/00224499.2015.1109581

- Murray, S. H., & Milhausen, R. R. (2012). Sexual desire and relationship duration in young men and women. *Journal of sex & marital therapy*, 38, 28-40.
doi:10.1080/0092623X.2011.569637
- Pascoal, P. M., Narciso, I. D. S. B., & Pereira, N. M. (2014). What is sexual satisfaction? Thematic analysis of lay people's definitions. *Journal of sex research*, 51, 22-30.
doi:10.1080/00224499.2013.815149
- Pascoal, P., Narciso, I., Pereira, N. M., & Ferreira, A. S. (2013). Processo de Validação da Global Measure of Sexual Satisfaction em Três Amostras da População Portuguesa. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 26, 691–700.
- Pascoal, P. M., Oliveira, L. B., & Raposo, C. F. (2015). Evidências de validade da Global Measure of Relationship Satisfaction (GMREL) em três amostras da população portuguesa. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 28, 41–48. doi:10.1590/1678-7153.201528105
- Peixoto, M. M. & Gomes, H. (2017). Preliminary findings on the translations and validation of the Portuguese Version of the Sexual Desire Inventory – 2. *Journal of Sexual Medicine*, 14, e338-e339. doi:10.1016/j.jsxm.2017.04.599
- Peixoto, M. M., Pereira, T., Pires, I., Correia, A. & Gomes, H. (2016, May). *Translation and Validation of the Portuguese Version of the Sexual Desire Inventory – 2*. Oral Communication presented at the VII SIPUM, Braga, Portugal.
- Peña, G. M., Rodríguez, Y. L., Llanes, L. L., Alzugaray, M. G., Carballo, G. O., Seijas, E. À., & Torres, E. R. (2016). El deseo sexual en varones adultos mayores, su relación con la testosterona sérica y otros factores. *Revista Cubana de Endocrinología*, 27, 0-0.
- Quinta Gomes, A. L., & Nobre, P. J. (2014). Prevalence of sexual problems in Portugal: Results of a population-based study using a stratified sample of men aged 18 to 70 years. *Journal of sex research*, 51, 13-21. doi:10.1080/00224499.2012.744953
- Regan, P. C., & Atkins, L. (2006). Sex differences and similarities in frequency and intensity of sexual desire. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 34, 95-102.

- Renaud, C., Byers, E. S., & Pan, S. (1997). Sexual and relationship satisfaction in mainland China. *Journal of Sex Research, 34*, 399-410. doi:10.1080/00224499709551907
- Santtila, P., Wager, I., Witting, K., Harlaar, N., Jern, P., Johansson, A., ... Sandnabba, N. K. (2008). Discrepancies between sexual desire and sexual activity: gender differences and associations with relationship satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy, 34*, 29–42. doi:10.1080/00926230701620548
- Spector, I. P., Carey, M. P., & Steinberg, L. (1996). The Sexual Desire Inventory: Development, factor structure, and evidence of reliability. *Journal of sex & marital therapy, 22*, 175-190. doi:10.1080/00926239608414655
- Sprecher, S. (2002). Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability. *Journal of sex research, 39*, 190-196. doi:10.1080/00224490209552141
- Štulhofer, A., Carvalheira, A. A., & Træen, B. (2013). Is responsive sexual desire for partnered sex problematic among men? Insights from a two-country study. *Sexual and Relationship Therapy, 28*, 246-258. doi:10.1080/14681994.2012.756137
- Sutherland, S. E., Rehman, U. S., Fallis, E. E., & Goodnight, J. A. (2015). Understanding the phenomenon of sexual desire discrepancy in couples. *Canadian Journal of Human Sexuality, 24*, 141–150. doi:10.3138/cjhs.242.A3
- Willoughby, B. J., & Vitas, J. (2012). Sexual desire discrepancy: The effect of individual differences in desired and actual sexual frequency on dating couples. *Archives of Sexual Behavior, 41*, 477–486. doi:10.1007/s10508-011-9766-9
- Zilbergeld, B., & Ellison, C. R. (1980). Desire discrepancies and arousal problems in sex therapy. In S. R. Leiblum & L. A. Pervin (1th Ed.), *Principles and practice of sex therapy*, (pp. 65-101). New York: Guilford Publications